

Sobre devires... O devir-criança agenciando docências em territórios crianceiros transculturais

About becoming-child ... Becoming-child agency docences in transcultural child territories

Acerca de los devenires... Los devenires niño promovendo enseñanza em territórios infantiles transculturales

Juliana Paoliello

Universidade Federal do Espírito Santo
julianapaoliello@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-0070-4414>

Nilcéa Elias Rodrigues Moreira

Universidade Federal do Espírito Santo
nermoreira@gmail.com.
<https://orcid.org/0000-0001-7984-9143>

Janete Magalhães Carvalho

Universidade Federal do Espírito Santo
janetemc@terra.com.br
<https://orcid.org/0000-0001-9906-2911>

RESUMO

Objetiva potencializar as forças dos devires minoritários, sobretudo o devir-criança que agencia docências em territórios crianceiros transculturais pelas experimentações inventivas com as crianças. Além disso, por meio do método cartográfico, analisa linhas de vidas que se afirmam pelos seus fluxos ingovernáveis, que driblam formas-mundo adultocêntricas e criam cenários que fabulam experiências e invencionices, por meio do encontro-acontecimento com um bicho-pau. Essa experimentação cartográfica foi realizada num Centro de Educação Infantil, na cidade da Serra/ES e compõe uma tese de doutorado. Discute, na esteira das filosofias da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, as processualidades do devir-criança na docência que faz romper e transbordar afetos ao encontro dos corpos coletivos que se colocam em relação a esses espaços-tempos. Conclui que a docência como inscrição de si e de mundo na composição com as experimentações crianceiras produz currículos mais inventivos e afirma uma vida para além daquela postulada por um ensino dogmático que pretende escolarizar a vida nos territórios crianceiros.

Palavras-chave: Devir. Devir-criança. Docência. Territórios crianceiros transculturais.

ABSTRACT

It aims to enhance the strengths of minority becoming, especially the becoming-child, who agency teaching in transcultural child territories through minor inventive experiments. In addition, it maps life lines that, are affirmed by their unmanageable flows that, circumvent adult-centric world-forms and create scenarios that instigate experiences and inventions and fabulations through the encounter-event with the stick bug. This experimentation was carried out in a Municipal Center for Early Childhood Education, in the city of Serra/ES. Following the philosophies of differences of Deleuze and Guattari, discuss the processualities of becoming-child in teaching as possible that makes to break, cut, leak, gush and overflow affections towards the collective bodies that are placed in relation in space-times child education. It concludes that teaching as an inscription of the self and the world in the composition with the children's experiments, produces more inventive curricula and affirms a life beyond that postulated by the molar lines, of a dogmatic teaching that intends to school the child territories.

Keywords: *Resume. To become. Becoming a child. Teaching. Transcultural child territories.*

RESUMEN

Su objetivo es potenciar las fuerzas de los devenires minoritarios, especialmente, el devenir niño que promueve el enseñando en los territorios infantiles transculturales mediante experimentos inventivos. Además, cartografa líneas de vida que son afirmadas por sus flujos ingobernables, que eluden las formas centradas en el mundo adulto y crean escenarios que fabulan experiencias e invenciones, a través del encuentro-acontecimiento con un bicho-palo. Este experimento se llevó a cabo en un Centro Municipal de Educación Infantil, en la ciudad de Serra/ES. Se discute, basado en las filosofías de la diferencia de Gilles Deleuze e Félix Guattari, los procedimientos del devenir niño en la enseñanza como posibilidades que causan rupturas, cortes, escapes y afectos desbordante en el encuentro de los cuerpos colectivos que se ponen en relación en los espacios-tiempos de la educación de la primera infancia. Concluye que la enseñanza como inscripción de sí y del mundo en composición con los experimentos infantiles produce planos de estudio más inventivos y afirma una vida más allá de la postulada por las líneas molares de una enseñanza dogmática que convierte en vida escolar en los territorios infantiles.

Palabras clave: *Reanudar. Devenir. Devenir niño. Enseñando. Territorios infantiles transculturales.*

Sobre devires... Devir-criança

Fugir. Escapar. Migrar. Buscar descaminhos. Vazar. Romper. Deslizar por entre linhas, linhas de fuga. Fazer fissuras e fluir por entre elas. Fugir pelo meio. Devir. Escapar das formas, das representações, do pensamento com imagem.

Devir é escapar dos modos dominantes subjugados aos modelos-moldes de uma racionalidade que impõe um padrão de existência: homem, adulto, branco, heterossexual, ocidental, habitante da cidade... Devir é minoritário, é revolucionário, é produção desejante.

Devir é um conceito que busca dar conta de um movimento involutivo (DELEUZE; GUATTARI, 1997), efetuando o desmanchamento das formas para o plano das forças. O devir é o processo de dessubjetivação, ou seja, é o processo de produção de subjetividade em curso.

Nesse processo, o devir se faz por alianças, desterritorialização e fuga das formas instituídas ou dos códigos preexistentes. Assim, os devires fazem com que possibilidades outras de atuação no mundo sejam possíveis. Entretanto os devires não podem ser relacionados com metamorfose, visto que devir não é nem a passagem de uma forma a outra, nem sua explicação. Os devires se constituem em fluxos moleculares, intensos, imperceptíveis.

Seguindo por esses fluxos moleculares, produzimos uma escrita-devir, deslizando por entre linhas moventes e planos intensivos em devir-criança.

Tecer uma escrita sobre, pelas, para e com as crianças¹ é sempre uma ousadia! É preciso “adoecer” as palavras para se fazer entender. “O que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas” (BARROS, 1993).

Tecer uma escrita-experimentação com as crianças é entrar em disfunção! É preciso entrar em devir-criança para escrever com elas. É sempre movimento de desterritorialização. É entrar em terrenos movediços. É tentar puxar os cabelos das águas. São sempre tentativas de invencionices! Alterar movimentos! Burlar! Produzir diferença na diferença. Entrar em devir!

Semelhantemente, tecer uma escrita com os territórios crianceiros é inventar um estilo de escrita e, portanto, de existência! Criar estilos! Estilo marginal, estilo revolucionário, estilo resistente, estilo imprevisível, estilo incerto, estilo cambiante, estilo sorrateiro, estilo errante, estilo nômade. Enfim, um estilo menor! Gilles Deleuze e Félix Guattari, ao examinarem o que vem a ser “menor”, na obra intitulada *Kafka para uma*

¹ A revisão ética, no Brasil, é regida pelo Comitê de Ética em Pesquisa/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CEP/Conep (Plataforma Brasil). A Conep foi criada pela Resolução CNS Nº 196/1996 a fim de elaborar e implementar normas e diretrizes que regulamentam pesquisas envolvendo seres humanos, tanto para as pesquisas no campo da saúde (biomédicas) quanto para as pesquisas de Ciências Humanas, Sociais (CHS) e Sociais Aplicadas (CHSSA). Entretanto, em alguns CEPs, as características e especificidades da pesquisa em CHS não são compreendidas, acarretando dificuldades para aprovação de projetos dessas áreas. Assim, com base no documento produzido pela Anped (2019) e indicado pelo comitê editorial desta revista (Reeduc), autodeclaramos como princípios éticos que orientam os dados produzidos neste artigo, a reflexividade nos procedimentos da análise que se constituiu com princípios éticos que engendram o consentimento e a garantia de privacidade dos participantes, rigor na análise dos dados, honestidade, compromisso, garantia de anonimato dos participantes e o armazenamento adequado dos dados coletados.

literatura menor (1977), analisam que essa literatura não é oriunda de uma língua menor, mas uma literatura de resistência que uma minoria, praticante de uma língua maior, é capaz de produzir; é sua condição de peregrinar e articular saberes a partir dessa mesma língua. Nesse sentido, três características a compreenderiam: a possibilidade da desterritorialização, a possibilidade de que tudo adquira um valor político e que tudo se agence pela potência do coletivo. Assim, ao apostar no devir-criança como agenciamentos coletivos, lançamo-nos neste movimento que, ao mesmo tempo em que engendra/compõe uma enunciação menor, um devir menor, produz sentidos outros. São movimentos que se constituem numa dimensão coletiva, como nos aponta Carvalho (2009, p. 57), ao evidenciar que “[...] nessa perspectiva, a noção de sujeito é substituída por agenciamento coletivo de enunciação, ou seja, toda produção de sentido não está centrada em agentes individuais”.

Cumprе destacar que a escola, enquanto um espaço de entrelaçamento de vivências e/ou experiências pessoais e coletivas, tem o desafio de uma multiplicidade de diferenças que circulam em seu interior e que se manifestam nas esferas sociais, étnicas, culturais, religiosas, etc. Para Silva (2000, p. 97):

A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo em que é um problema pedagógico e curricular. É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável. É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente, interagem um com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular. [...] O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente.

Sendo assim, a diferença está presente em toda a dinâmica pedagógica e curricular, como: os diálogos cotidianos como composições que implicam o acolhimento na palavra e no gesto do outro; os engendramentos maquínicos na produção de políticas e de processos afetivos; a inclusão de dimensões vitais na produção do conhecimento e/ou nos processos aprendentes objetivados e/ou singulares; a influência do colonialismo nas relações saber-poder e as ressonâncias afetivas; a organização hierárquica ou em redes rizomáticas, etc.

Assim, observamos que múltiplas são as dimensões que se entrelaçam transversalmente e transculturalmente de modo a potencializar processos aprendentes

inventivos e/ou repetitivos, na dependência de maior ou menor predomínio de forças da colonialidade. Deleuze e Guattari (1997) pontuam que as relações de colonialidade, assim como as singularidades, podem/devem ser cartografadas, visto que são constituídas de linhas dominantes, molares, e de linhas moleculares, que são linhas de intensidade, que provocam linhas de fuga em devires. As linhas de intensidade não são nem molares nem moleculares, são devires que escapam de qualquer tentativa totalizadora, pois fugir possui o sentido de romper com o estabelecido.

Desse modo, buscamos deslocamentos em nossos modos adultocêntricos, formatados e molares de praticar docência nos territórios crianceiros, compreendendo os devires como fluxos e forças que atravessam docências em territórios crianceiros transculturais. Afirmar o devir-criança como força em movimento é romper com as barreiras, invencionar as infâncias, artistar a docência, tirar as coisas do lugar, *escutar a cor dos passarinhos* e dizer: Agora sim!

Devir brincante, dançante, pulsante, nômade. Devir atemporal, *kairós*, *áion*. Tempos da intensidade, sem sucessão, tempo da duração.

Devir-criança não é imitar a criança! Devir-criança não significa efetuar operações de relação de similaridade. Nesse sentido, não nos tornamos criança em sua forma molar, quando estamos em devir, isso significaria regredir a um estágio anterior do desenvolvimento, pois o devir não corresponde a uma ordem classificatória nem genealógica (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

O devir-criança não é exclusivo da forma-criança. A criança molar é uma conformação aparente que se distingue por traços comportamentais e característicos. Nessa perspectiva, o devir-criança estaria reduzido ao plano de organização e desenvolvimento, ou seja, estaria conformado a padrões universais de crianças, moldadas pelos determinismos sociais e psicologizantes. Contudo a criança molecular constitui-se além do plano de organização, ela persiste nos planos de consistência ou composições, plano em que os afetos pedem passagem. Embora os planos estejam coengendrados, eles se distinguem pela condição de criação e atuação no mundo.

O devir-criança é devir revolucionário, ingovernável: não está guiado por conjuntos de regras prévias e controles que determinam sua atuação no mundo.

O devir-criança é a potência da criação, dos movimentos inventivos, da experimentação. Por isso, as crianças criam cenários, produzem espaços, inventam artistagens... A criança como uma usina está o tempo inteiro fabricando novidades,

histórias, fabulações, criacionices em linhas de fuga que ativam a potência na construção de caminhos, de fazer de conta e de improvisar.

Sua potência flexível as faz passar pelos entres, encontrar as saídas, fazer bifurcações. E usa sua inventividade sem se deixar capturar pelas formas fixas.

As crianças em suas potências inventivas seguem os fluxos e, de modo fugidio, escapam para outros mundos, fabulando outras maneiras de experimentar os territórios crianceiros.



Figura 1 - Bicho-pau

Fonte: Arquivo do território crianceiro.



Figura 2 - O encontro

Fonte: Arquivo do território crianceiro.

Os portões se abrem²! Professoras e professores engolem com pressa o café. Choros, risos, despedidas, transportes e uma multidão adentram por esses limiares. O corre-corre inaugura mais um dia de rotina no território crianceiro. As crianças se alimentam no refeitório e alegram-se por poder encontrar seus pares. Correm umas para as outras. Na tentativa de se aproximarem, mesmo sabendo que o tempo demarcado irá interromper os encontros, continuam tecendo seus fluxos incessantes. O refeitório que estava organizado para as refeições, agora, ganha outros sentidos. “Senta no seu lugar!” “Aqui é para comer e não correr!” “Não corram!” “Cuidado!” “Comam logo porque daqui a pouco iremos para a sala, para começar as atividades!” “Está quase na hora de retornar”. Os movimentos de

² A experimentação sentida e vivida neste território da educação infantil compõe uma pesquisa de doutorado que objetivou, por meio da pesquisa cartográfica (Gilles Deleuze), analisar os fios de linhas que enunciavam a força transmutadora dos cotidianos que são agenciados a todo tempo pelas crianças e professoras/es que os praticam. Assim, é possível que os currículos, para além daqueles que estão prescritos, sejam experimentados.

euforia, entrosamento e intensidades invadem as crianças. Vamos acabar com esse vuco-vuco, a brincadeira já passou e agora é hora de irmos para a sala.

Entretanto um acontecimento desestabilizou essa rotina, fazendo que os devires inventivos, menores ou crianceiros entrassem em ação. Aquele dia não foi como outros... Naquele dia o refeitório não foi mais o mesmo...

Era um dia de outono do ano de 2018... Uma visita. Um encontro. Um acontecimento. Um encontro-acontecimento no território crianceiro desmoronou a fixidez de uma rotina em que tudo parecia estar em total “harmonia”. O encontro com o bicho-pau potencializou a alegria inventiva de sair dos padrões que norteiam os territórios crianceiros e potencializou a produção de conhecimentos outros na composição com um coletivo de forças que instauram modos outros de aprendizagens com as crianças.

A força desse encontro impulsionou o deslocamento na rotina, fazendo com que outros enredamentos fossem possíveis.

Se pensarmos a infância em devir-criança, escaparemos das lógicas que infantilizam, escolarizam e aprisionam as crianças em seus processos inventivos, ou seja, se pensarmos a infância “[...] como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação” (KOHAN, 2004), poderemos produzir modos outros de educação com crianças. Assim, apostar na infância é apostar na vida, nos movimentos vitais e não como manual de regras e normas, e sim como “[...] possibilidades em devir, num devir minoritário, numa linha de fuga, num detalhe; a infância que resiste aos movimentos concêntricos, arborizados, totalizantes [...]” (KOHAN, 2004); é apostar nas infâncias como múltiplas, errantes, cambiantes, sorradeiras, dançantes.

Estar em devir-criança é potencializar as linhas intensivas, os devires minoritários que nos habitam em linhas de fuga. Nesse sentido, estar em devir-criança é estar na fissura, na brecha, na fenda. É abrir-se àquilo que aprisiona, que produz confinamento ao modo de pensar/criar.

Sobre o devir-criança agenciando docências e afirmando vidas nos territórios crianceiros...

A docência em devir acontece nas dobras, por entre os entres, por acoplamentos, de modo involutivo, sempre autopoietica, em seu constante fazimento viabilizado por encontros. Encontros que fortalecem seu conatus e afirmam a potência criadora de uma docência da diferença. Diferença que se constitui nas subjetivações e singularidades de um

modo de existir, nos territórios crianceiros que, por vezes, é atravessado por linhas molares. Constitui-se, assim, o endurecimento de um modelo professoral que enrijece e impede as processualidades educativas pela esteira da invenção, que são os possíveis nas experimentações com as crianças.

Os possíveis aquecem nossa problematização acerca das inquietações *sentidas vividas* pela trajetória docente. Trajetória encharcada de anseios, descobertas, (in)certezas, (des)razões, encontros e desencontros, paixões, (dis)sabores, nos emaranhados das linhas que tecem experimentações. As experimentações acontecem ao sabor dos encontros que, ao modo de Espinosa (2007), podem ser “alegres”, alegres descobertas que potencializam o agir e os modos de existir.

A macropolítica insiste em determinar, regular e estabelecer padrões que despotencializam as práticas inventivas. Entretanto práticas criadoras produzem experimentações educativas que rompem com formatações escolarizantes. Sendo assim, ainda que as práticas docentes, estejam correspondendo às expectativas alimentadas pela máquina abstrata sobrecodificante, os devires-criança são ativados e agenciam modos outros de existência que cortam com as linhas que pretendem os esmagamentos das experiências.

Ainda que essas linhas tentem roubar nossa condição criadora e de invenção, linhas mais flexíveis atravessam as ações trazendo cores, sabores, cheiros, formas, alegrias e afetos. Assim, as lógicas de governamentalidade com as crianças não impedem que seus devires na função fabuladora entrem em relação com o mundo.

Esses devires compõem forças nos territórios crianceiros e movimentam o pensamento acerca dos modos como às vezes atuamos sob a captura dessas lógicas.

Uma docência que se orienta por uma perspectiva cronológica não pode ser da ordem de um devir, pois concebe a criança e a infância de modo determinadamente etapista. Essa docência tenta controlar o tempo e as experiências docilizando o corpo-criança para se organizar nos tempos demarcados pelos relógios. Corpos assujeitados sob o domínio hierárquico de uma racionalidade que opera controlando os tempos e as ações.

Uma docência que opera na centralidade de poder sobre a vida é evolutiva, hierárquica e dogmática [...] “Eu tenho o direito de exigir obediência porque minhas ordens são razoáveis” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 38). Essa docência prima pela obediência. Mas a qual obediência as crianças estariam submetidas? Quais seriam as “ordens razoáveis”?

Os movimentos docentes que ambicionam a dominação estão a serviço da opressão, submetendo os dominados aos medos e tristezas que alimentam a máquina sobrecodificante do sistema capitalístico. Pretensiosamente, esses processos estimulam a servidão maquínica e a sujeição social das crianças como modo de produção que enquadra, desde a tenra idade, as experimentações fora do sujeito, ou as processualidades das redes de subjetivação.

Essa imagem de autoridade ocorre pela razão ortodoxa que perdura nos cotidianos dos territórios crianceiros, acreditando que, por meio de forças coercitivas, a educação com crianças se torne eficiente: crianças “disciplinadas”, “massa conformada”. Traduzindo, podemos afirmar que esse modelo de educação se vincula às lógicas de uma sociedade que usa os espaços escolares não para a criação e invenção de mundos outros, mas investe forças para colonizar esses espaços para o controle e a dominação. Sendo assim, toda tentativa para substituí-la ou modificá-la está sujeita à punição ou, de maneira mais sutil, a reproduzir a lógica do fracasso (dos docentes e das crianças) e, ainda, culpabilizá-los.

As práticas discursivas docentes que pretendem o controle sobre a vida são consideradas por Foucault (2004) como uma biopolítica, ou seja, uma nova tática de exercício do poder, que pode emergir com a consolidação do poder disciplinar. Na medida em que este último opera com uma tática individualizante, dirigida aos corpos dos indivíduos, o biopoder será uma tática de controle dos indivíduos e, portanto, da população. Tal tática de poder se constitui como uma tecnologia de poder massificador.

Nessa mesma linha molar, proliferam ações que fomentam as pedagogias da vitrine, as pedagogias do destaque, a pedagogia do “belo”. Essas concepções platônicas, produzem subjetividades docentes que acabam por legitimar currículos adultocêntricos que desconsideram os agenciamentos de enunciação coletivos das crianças. Não consideram as crianças como produtoras de currículos. São currículos constituídos por verdades que habitam nossas certezas e nos levam a considerar que o que propomos para as crianças é o melhor, é o certo, é o legítimo. Comumente, encontramos “belíssimos” trabalhos nos territórios crianceiros, entretanto mínima e sucinta é a participação das crianças. Uma docência autocentrada, que nos faz admiradores de nós mesmos, prolifera práticas fascistas. Gallo (2015, p. 374), ao escrever sobre os fascismos que nos habitam e nos deixam admiradores de nós mesmos e das nossas ações, propõe que “[...] um cuidado de si aplicado a tal sujeito resulta no exercício do narcisismo que despreza o outro, resulta

numa prática política fascista”. As experimentações curriculares/educativas nos territórios crianceiros se fazem, sobretudo, em composição com as crianças.

As redes de contágios, movimentadas por pedagogias platônicas, narcísicas, hierárquicas, fazem com que os movimentos pulsantes, inventivos e desejosos na educação infantil sejam capturados pelos calendários comemorativos, cronogramas previamente estruturados, pela valorização dos trabalhos “belos”, feitos por mãos adultas e pelos tempos cronometrados.

Essas pedagogias são capturas de um sistema capitalístico que fomenta práticas individualizadas, competitivas, conflitantes que desencantam a docência. Assim, os encontros que deveriam produzir alegria, entristecem e despotencializam as ações docentes não dogmáticas. O império capitalístico cria modelos e padrões, levando-nos a buscar a cópia ideal, educação ideal, práticas ideais, docência ideal. Nessa captura, as subjetividades docentes impedem conexões outras, abertura aos devires e a afirmação de uma docência agenciada pelo devir-criança.

O devir-criança aponta para uma reinvenção da docência, numa possibilidade de artistá-la no espetáculo educativo, “equilibrando” linhas menores na corda bamba e incerta dos processos curriculares transculturais. Talvez sejam os possíveis de uma docência inconformada, engendrada em processos desejantes, ativando seu devir artista. “Dançar sobre a corda é de momento em momento manter um equilíbrio, recriando-o a cada passo, graças a novas intervenções” (CERTEAU, 1994, p. 146).

As crianças não se rendem ao sistema de forças e subvertem as “ordens razoáveis” que não potencializam alegria e as potencialidades de uma vida mais potente e, assim, fabulam maneiras de efetuar suas forças, criando fendas, abrindo fissuras nos territórios crianceiros e produzindo estrangeirismos dentro de um mesmo território. Esses deslocamentos subvertem as lógicas puramente prescritivas e nos convidam a experimentar os estranhamentos, os desvios, lugares outros...

[...] em nossos modos de experimentar com “infâncias” temos ‘destelhado nações’, vivemos rupturas com nossos lugares seguros, nossos espaços delimitados, pois, é como se as crianças que operam longe das amarras pré-definidas pelos currículos, pelas teorias de desenvolvimento ‘mexessem na tampa’, parece que com infâncias acabamos por ser o outro dos espaços, somos estrangeiros em um outro mundo, temos sensações estrangeiras, temos com a infância uma estrangeiridade com as coisas, experimentamos uma estrangeiridade das coisas. (LEITE, 2019).



Figura 3 - "melhor ver na árvore, tia!"

Fonte: Arquivos do território cranceiro.



Figura 4 - Na casa do bicho-pau

Fonte: Arquivos do território cranceiro.

As professoras levam as crianças para sala para mostrar o inseto capturado por elas. Após conversar e falar sobre esse bichinho tão singular, uma criança pergunta: Tia, esse bichinho era pau e virou inseto, ou era inseto que virou pau?

A criança movimenta o pensamento do coletivo de forças numa intensa e problematizadora rede.

- *Eu acho que ele se transforma. (criança)*
- *Ele é um bicho mágico. (criança)*
- *Ele escolhe o que quiser, uai. (criança)*
- *Vamos levar ele para o jardim? (criança)*

A turma toda concorda. As professoras seguem os fluxos agenciados pelas crianças e em planos nômades seguem para o jardim.

As crianças nos convocam a sair do lugar, criar cenários, subverter os tempos demarcados, romper com planejamentos preparados... Nos fluxos de um tempo intenso, as crianças desmontam protocolos e fabulam cenários afirmando que a vida e o conhecimentos são linhas coengendradas. Assim, ativados os devires-criança na docência e afetados pelo encontro-acontecimento com o bicho-pau, professoras e crianças se deixam contagiar pela alegria de um possível que produziu alegria nos agenciamentos coletivos no território cranceiro. Na imanência dos planos de composição, aberturas acontecem engendrando devires molares e moleculares. Explosão molecular. Átomos, células, sangue, vibração, adrenalina... o pulsar do corpo que detona e delira modos outros

na produção do conhecimento. Experimentações que expandem o espaço-tempo das salas para compor com a natureza, com o jardim, com a casa dos bichos, com o fora... que está em nós!

Experimentações ingovernáveis que resistem às capturas de um sistema rígido, controlador e regulador. Ativado o devir-artista da docência, pelos devires-criança dos territórios crianceiros, as professoras se entregam ao possível de uma experimentação que engendra uma rede de possibilidades de conhecimentos. Devires que afetam modos outros de praticar docência com as crianças. A docência em linhas de fuga segue se reinventado e invencionando experimentações, desejos, desafios, lutas, conquistas, etc., para inventar/criar uma educação que produza sentidos nos encontros com as experimentações curriculares.

Os desafios cotidianos, engendrados num movimento micropolítico, como campo de resistência, na corda bamba dos processos educativos, buscam potencializar a docência reinventando maneiras outras de existência, que ativem a vida como potência criadora de uma subversão que nos habita em meio às molaridades de máquinas sobrecodificantes, binárias que, ao reproduzirem o mesmo, anulam a invenção. As crianças subvertem os *modus operandi* da máquina abstrata e nos desterritorializam do lugar habitual, familiar, confortável.

Enquanto uma docência dogmática “reina”, uma docência estabelecida no plano molar “possui”. Possui os tempos, possui os afetos, possui a alegria, possui a obediência e tudo em nome de um processo educativo estruturado no controle, na disciplina, na docilização dos corpos. Não há, desse modo, uma potencialização da estética da vida, da estética da existência nas relações de afetos, de alegrias, mas visa-se sempre a um resultado. É possível separar a alegria, os afetos, o brincar e as “tarefas de aprendizagem”? Nesse sentido, faz-se necessário resistir aos processos de representação, escapar do controle que aniquila o outro pelas paixões tristes e resistir aos modelos/moldes que pretendem a uniformização e a homogeneização das experiências.

Desterritorializar as lógicas prescritivas dos currículos da educação infantil pelos movimentos da vida, da imanência, do plano de composição em linhas de criação contrário às molaridades imersas nas práticas/discursos, que diminuem a potência de agir, deixando-nos tristes, é apostar na alegria como princípio ético da educação, tornando a vida nos territórios crianceiros mais bonita e potente. É apostar no ingovernável da vida!

Ainda num mesmo movimento regulador, o devir-prescrição vai enquadrando as experiências em modelos, padrões e normatizações que podem impedir as intensidades sentidas e experienciadas nos territórios das infâncias.

Se pensarmos o currículo somente pelo viés prescritivo, como determinante das ações e concepções das nossas práticas, é possível que nos transformemos em tarefairos. Mas, se buscarmos pensá-lo para além das “orientações prescritivas”, poderemos afirmá-lo como força que pulsa e transborda vida. Rizomaticamente, conectamo-nos a diferentes pontos, criando outros pontos que são ao mesmo tempo chegada e partida. As experimentações constituem-se por tudo aquilo que é vivido, sentido, praticado, tecido em conversações, sentimentos e ações concretas.

Nesse sentido, indagamos: é possível conceber práticas que se limitem à lista “do que fazer”, em detrimento de todas as intensidades, multiplicidades, singularidades, processos vividos que atravessam os espaços educativos?

Podemos pensar em instituir, no lugar da força das prescrições, a força de um devir-menor: “Se a educação maior é produzida na macropolítica, nos gabinetes, expressas nos documentos, a educação menor está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas de cada um” (GALLO, 2002, p. 273). Além disso,

Uma educação menor é um ato de revolta e de resistência. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; sala de aula como trincheira. Territórios como espaço-tempo a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional. Uma educação menor é um ato de singularização e de militância (GALLO, 2002, p. 173).

Ao problematizar essas questões a partir das filosofias da diferença, identificamos essa poderosa ferramenta micropolítica como processo de resistências às prescrições maiores (documentos oficiais: resoluções, diretrizes, orientações curriculares, etc.) e universalizantes. Assim, as linhas intensivas buscam, nos processos de resistências, linhas de desdobramentos no plano de imanência dos cotidianos crianceiros, num coengendramento com as subversões docentes, procurando mapear, por meio da cartografia, linhas de vida que, ao entrarem em relação com o fazer pedagógico, transformam, criam e inventam planos moventes que desestabilizam formas que operam como plano de organização. Assim, nessa interlocução com a filosofia da diferença, podemos compor platôs que potencializem um fazer pedagógico, cujas práticas docentes

sejam efetuadas em composição com linhas que afirmem os processos educativos como políticas transculturais de afirmação da vida.

A produção do conhecimento se constitui nas experimentações, nas trocas, nos encontros, nos afetos. Sendo assim, encontros que não promovem experiências também não produzem sentidos e, sem produzir sentidos, não produzimos os conhecimentos/relações com aquilo que nos atravessa, que nos faz pensar, que nos faz criar conceitos outros. Assim, experiências que envolvam a grupalidade, os encontros, experiências com o corpo, com a morte, com a natureza, com as sensações, etc. não podem ficar restritas, aprisionadas somente nos papéis.

Apostamos em docências que rompam com as modelizações que não equacionam modos de existências como inscrição de si e de mundo. Gallo (2002, p. 170), inspirado em Negri, ajuda-nos a pensar esse devir-dogmático a partir da relação professor-profeta e professor-militante e salienta:

Toni Negri tem afirmado que já não vivemos um tempo de profetas, mas um tempo de militantes; tal afirmação é feita no contexto dos movimentos sociais e políticos: hoje, mais importante do que anunciar o futuro, parece ser produzir cotidianamente o presente, para possibilitar o futuro. Se deslocarmos tal ideia para o campo da educação, não fica difícil falarmos num professor-profeta, que do alto de sua sabedoria diz aos outros o que deve ser feito. Mas, para além do professor-profeta, hoje deveríamos estar nos movendo como uma espécie de professor-militante, que de seu próprio deserto, de seu próprio terceiro mundo opera ações de transformação, por mínimas que sejam.

Além disso, Gallo (2002, p. 171) aponta que a constituição de uma docência não dogmática implica em desterritorializações que efetuam práticas menores de ser professor, potencializa uma vida ativa do ponto de vista educativo e formativo e atualiza forças que produzem políticas para uma educação que se faz pelas impossibilidades, invisibilidades, inconformismos, apostando num devir-militante da docência:

[...] professor seria aquele que procura viver a miséria do mundo, e procura viver a miséria de seus alunos, seja ela qual miséria for, porque necessariamente miséria não é apenas uma miséria econômica; temos miséria social, temos miséria cultural, temos miséria ética, miséria de valores. Mesmo em situações em que os alunos não são nem um pouco miseráveis do ponto de vista econômico, certamente eles experimentam uma série de misérias outras. O professor militante seria aquele que, vivendo com os alunos o nível de miséria que esses alunos vivem, poderia, de dentro desse

nível de miséria, de dentro dessas possibilidades, buscar construir coletivamente.

Assim, para cada devir que despotencializa a potência de agir docente, apostamos nos devires que potencializam nossa existência e, então, ao invés de uma docência dogmática, apostamos em devires minoritários: devir-grupo, devir-equilibrista, devir-artista, devir-riso, devir-invenção, devir-alquimista, devir-militante, devir-abertura, devir-nômade... devir-criança! Entre muitos devires-resistência, apostamos nos devires menores que o povo criança é capaz de agenciar nas docências.

Sobre um não fim...

A docência como inscrição de si e de mundo na composição com as experimentações crianceiras produz bons encontros, cria mundos outros, produz currículos mais inventivos e afirma uma vida para além de uma governamentalidade. Governo postulado pelas linhas molares, que pretende escolarizar os territórios crianceiros.

Os devires-criança rompem com o instituído e provocam aberturas para possibilidades outras de vidas nos territórios crianceiros. O devir-criança na sua potência criadora e inventiva nos levam para fluxos mais intensivos de pensar a educação com as crianças.

Não estamos dizendo, com isso, que queremos imitar a criança, mas queremos/precisamos estar nesta mesma zona de indiscernibilidade da qual elas se (des)encontram. As crianças nos convocam o tempo todo a romper com os dogmas, com as representações, a pular as pedras, a subir platôs, a sentir o gosto azul do céu, “destelhar nações” e experimentar as estranheiridades...

Elas nos colocam a pensar: Que experiências estamos compondo com as crianças? Que mundos estamos explorando/criando com elas? De quais experiências estamos falando? Qual o sentido dos afetos com as crianças?

Habitar nos territórios existenciais das crianças é compor com este espaço de potência criadora, é desejar o espanto do devir, desejar o estranhamento, desejar as dúvidas, desejar o inusitado, desejar e produzir a diferença, e “[...] produzir diferença é criar possibilidades de fluxos de pensamento, tirá-lo do repouso” (CARVALHO, 2012, p. 8).

Os pensamentos entram em movimentos e as problematizações engendram desterritorializações sobre modos de pensar e praticar a docência, subvertendo uma docência molar pelos devires inventivos nos processos educativos com crianças.

Assim, problematizamos neste artigo que, se compreendermos a colonialidade como um dispositivo (DELEUZE, 1997), podemos considerar o dispositivo da colonialidade como um novelo de linhas molares e desnovelá-lo corresponderia a “iluminar” movimentos de singularização manifestos por um coletivo transcultural.

Se, por um lado, estão os espaços da macropolítica, o Estado, os segmentos molares, binários por si mesmos, concêntricos, ressonantes, exprimidos pela árvore, princípio de dicotomia e eixo de concentricidade; de outro lado, os espaços da micropolítica, os segmentos moleculares, o rizoma, em que as binaridades vêm de multiplicidades e os círculos não são concêntricos (KOHAN, 2004), os devires-criança nos afetam com suas potencialidades ética, estética e poética que, ao produzirem aberturas nas linhas sedimentares da educação com crianças, produzem políticas. Políticas que afirmam a vida na sua condição inventiva. Condição essa que produz uma política menor, que acontece nos entremeios, nas dobras dos espaços-tempos dos territórios crianceiros.

Por tais motivos, não há como definir direções, percursos aprioristicamente determinados que os currículos percorrerão no labirinto das aprendizagens. É um engano acreditar que podemos seguir por trajetos uniformes e padronizados, pois os mundos possíveis dobram-se, redobram-se e produzem nós e rupturas no fio que supõe guiar um caminho (GONÇALVES, 2019).



Figura 5 - Devir bicho-pau

Fonte: Arquivos do território crianceiro.



Figura 6 - Registros da experimentação com o bicho-pau

Fonte: Arquivos do território crianceiro.

O pau em devir-bicho, o inseto em devir-pau, as crianças em devir-bicho-pau, as docentes em devir-criança... “Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos” (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 66). Os devires se espalham, proliferam e contagiam as redes de compartilhamentos nos territórios crianceiros. Mapas são traçados em riscos

intensivos e vão desenhando contornos mais alegres, coletivos e compartilhados num território que pulsa vibrante pelas travessias dançantes de um devir-criança que afirma o ingovernável da vida!

Referências

BARROS, Manoel Livro das ignoranças. *In*: BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. v. 18. n. VII. São Paulo: Leya, 1993.

CARVALHO, Janete. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP et Alii, 2009.

. **Devir-docência potencializando a aprendizagem sem medo**. *In*: ENDIPE - Encontro nacional de didática e práticas de ensino, 16., Campinas, Unicamp, 2012.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem? *In*: DELEUZE, Gilles (Org.). **Crítica e clínica**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1997.

; GUATTARI, F. Devir intenso, devir animal, devir imperceptível. *In*: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (Org.). **Mil platôs**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1997, p. 11-113. (Original publicado em 1980).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

ESPINOSA, Baruck. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Sécurité, territoire, population**: Cours au Collège de France, 1977-1978. Paris, Gallimard/ Seuil, 2004.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Revista Educação e Realidade**, v. 27, n. 2, p. 169-178, jul./dez. 2002.

GALLO, Sílvio. René Scherer e a filosofia da educação: aproximações. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓSGRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, 37., 2015, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: Anped, 2015.

GONÇALVES, Camilla. **As fabulo invenções das crianças nos agenciamentos dos currículos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

KOHAN, Walter Omar (Org.) **Lugares da infância**: filosofia. DP&A, 2004. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0184.html>. Acesso em: 13 jul. 2020.

LEITE, César. Infância, Imagem e Tempo: Devir-criança e Educação Infantil. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 39. 2019. Disponível em: http://39.reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/sites/3/trabalhos/4652-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf. Acesso em: 13 jul. 2020.

MAINARDES, Jefferson; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura.; Autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa em Educação. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Ética e pesquisa em Educação: subsídios. Rio de Janeiro: **ANPEd**, 133 p.; v1. 2019.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença na perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Lilian Cristiane Moreira e Janete Magalhães Carvalho*

Submetido em 03/02/2021

Aprovado em 01/05/2021

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)